

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quonabara

DATA: 18/03/1958 AUTOR: Macedo Miranda

TÍTULO: Alucinação tem hora.

ASSUNTO: Crítica irônica ao público de exposições.

Rodízio

## ALUCINAÇÃO TEM HORA

Macedo Miranda

Ai, Altamiro, que um rapaz de Rezende não deve frequentar certos lugares, por muito bem que eles façam à saúde espiritual. Imagine que, por amor desse grande e querido Ivan Serpa, fui, sábado, a uma exposição na GEA. Trate-se de uma galeria de Copacabana, dirigida nada menos que por Jacinto de Tormes.

Acontece, porém, que o que mal vi foi quadro. Logo de entrada, esbarrei com uma fabulosa imagem antiga de Sant'Ana. Depois, houve uma sarabanda alucinada de vestidos em torno de mim e o céu voltou a se misturar com as águas, como diria o poeta, e Dior boiou sobre um mar temporal.

Eram, Altamiro, sacos e trapézios e balões, sem contar os sputniks e as fofoças, arte menor. Não havia decote que não atravessasse o Rubicão, e as vestes inteiramente ao contrário do que seria lícito esperar, com colares postos onde jamais julgaríamos que pudessem ser postos. Os pobres olhos resendenses de Macedo ficaram doídos de dor de estibordo para bombordo e vice-versa.

Em verdade, não digo que as caras eram ainda mais estranhas que os vestidos. Estou perdido num pesadelo de Bosch? — pensei. Este mundo surreal pertence aos arranjos alucinatórios de Goya? Nada disso, retranca. (Ou, por outra, Altamiro). Aquilo era o limbo da elegância. A tal ponto que, batendo pano com a nossa magnífica Elisa Silveira (a simpatia a serviço das artes plásticas, para falar à maneira do ínclito Stralislam Ponte Preta), comeci a sentir falta de alguma coisa na minha amiga, uma mutilação com que não atinava, vendo-a incompleta, estranha. Até que descobri. Simplesmente. Elisa estava com um vestido simples, um desses vestidos sóbrios e integros, densos e harmônicos como um porcelão bem bolado. Respirei, aliviado. Encontrava, afinal, alguma coisa do meu tempo, dos meus lugares habituais. O Piauí, através de Elisa, me emprestara pés com que visar de novo o solo resendense, sem estavio; outros se não os que Deus houve por bem outorgar-lhe.

Noutra não caio, Altamiro. Ivan pode romper comigo, pode nem mais me chamar ao atelier para uma olhada em *ex nt-première* às suas novas invenções. Em ambientes de sacos e balões e trapézios e fofoças e sputniks, ninguém mais vê o Macedo, bobo, sim, porém convencido de que alucinação tem hora.

instituto de arte contemporânea